

“Tenho tentado que me respondam”. Sexualidade e “Agency” em Psicanálise¹

Jonathan H. Slavin

Tradução de Rosalina Marshall

Resumo

A teoria psicanalítica tem assistido a muitas mudanças nos últimos 100 anos. Porém, neste processo, a sexualidade, enquanto ponto central da compreensão da motivação e conflito humanos, parece ter-se perdido. Tal como sucedia há um século, os clínicos lidam hoje com transferências e contratransferências sexuais. As questões de género e orientação sexual são amplamente discutidas. Contudo, na maioria das perspectivas teóricas actuais, nada incita a concentrarmo-nos na sexualidade propriamente dita, da forma como outrora foi absolutamente essencial.

Durante o mesmo período, as abordagens psicanalíticas preocuparam-se de forma consistente com questões de *agency* pessoal, ou seja, com a sua perturbação durante o desenvolvimento e a sua reabilitação pelo tratamento. Na verdade, segundo o entendimento tradicional, o propósito do tratamento consistia em habilitar os pacientes à reapropriação da experiência de si mesmos enquanto “agentes”, perante os seus próprios motivos, pulsões e afectos rejeitados (“onde estava o *id*, passará a estar o *ego*”). Nas perspectivas contemporâneas interpessoais, intersubjectivas e relacionais, a questão da *agency* assume uma relevância ainda mais central.

Este artigo explora o modo como estes dois modelos conceptuais e abordagens do desenvolvimento aparentemente diferentes – a sexualidade enquanto função da mente e a *agency* enquanto resultante da experiência relacional

¹ Originalmente publicado em inglês em *Contemporary Psychoanalysis* (2016) 52:1, 1-20. DOI:10.1080/00107530.2015.1118675
© William Alanson White Institute of Psychiatry, Psychoanalysis & Psychology and the William Alanson White Psychoanalytic Society. Translated to Portuguese and reprinted with permission from Taylor & Francis group, LTD.

– podem ser compatíveis. Aqui, examino a relação entre a sexualidade e a experiência de *agency* nas relações pais-filhos e analista-paciente e sugiro que a sexualidade, enquanto tal, ainda pode ter um papel central no pensamento psicanalítico contemporâneo e na nossa compreensão da natureza fundamental do funcionamento psíquico.

Palavras-chave: Sexualidade; Agency; Relacional; Libido; Impressão Digital Sexual.

O Sexo Está de Volta

Aconteceu uma coisa curiosa à Psicanálise na sua caminhada para o século XXI. A sexualidade, enquanto elemento central da compreensão da motivação e dos conflitos humanos – aliás, enquanto descoberta central dos esforços psicanalíticos de Freud – de certa forma, perdeu-se. Enquanto os pensadores psicanalíticos da primeira metade do século XX estavam apaixonadamente (em termos tradicionais, podemos mesmo dizer, sexualmente) envolvidos em discussões sobre as vicissitudes da Líbido e o problema de alcançar a primazia genital – até à adequação do orgasmo como critério para a saúde mental (Fenichel, 1941, p. 42), estas discussões foram praticamente inexistentes na última metade do século XX. Se, outrora, os analistas clássicos investigavam cuidadosamente os detalhes da vida sexual dos seus pacientes (como Fenichel [p. 88] especificamente recomenda), na minha experiência de ensino, de supervisionar e de escutar centenas de casos apresentados em conferências clínicas, desde o início dos anos 70 até aos nossos dias, este assunto foi sendo, cuidadosamente, mesmo pudicamente, evitado. Com exceção dos casos em que a sexualidade faz parte da dificuldade apresentada, é frequente os terapeutas pouco ou nada saberem acerca da vida sexual dos seus pacientes. Através das principais perspectivas psicanalíticas, a sexualidade, enquanto distinta do género e do desejo - nos vários sentidos que podemos atribuir ao termo - parece existir, caso seja mencionada, como uma estrela ténue e distante consumindo-se nos confins do universo, em vez de um sol brilhante e ardente no centro do sistema solar. Mesmo nos modelos que reivindicaram a sua fidelidade a aspectos do pensamento freudiano, tais como o lacaniano, o kleiniano e a psicologia do ego, os resquícios de uma concepção

libidinizada e energizada da sexualidade existem – na minha opinião – como vestígios fragmentários, reificados e icónicos, de um sistema conceptual outrora abrangente e multifacetado.

Será justo dizer que a psicologia do ego, tal como se desenvolveu em meados do século passado, tenha sido deslibidinizada? Ou será que os objectos internos kleinianos muito libidinizados (no sentido em que contêm uma energia e pulsão poderosas) se desligaram de alguma forma do conceito de um núcleo central, especificamente sexual da motivação? Poderemos nós vislumbrar as brasas da sexualidade (definida, grosso modo) na centralidade do "conflito" das perspectivas neoclássicas modernas, no "desejo" experimentado pelo *self* na psicologia do *self*, na ferocidade do *afecto* no pensamento kleiniano, e no momento do "reconhecimento" das abordagens intersubjectivas e relacionais? Contudo, a sexualidade, ela própria, enquanto conceito fundamental e força organizadora central da vida psíquica humana, já não constitui a base destes paradigmas. Embora haja paixão nas discussões acerca das perspectivas contemporâneas, essa paixão, em grande medida, já não manifesta qualquer ligação fundamental à sexualidade, à teorização da sexualidade *per se*, nem, por assim dizer, a qualquer desejo ardente de a ter em conta.

Percebo que estou a pintar este quadro a traços largos, porventura exagerados. O trabalho de Davies (1998a, 1998b, 2001), por exemplo, tem sido uma excepção a esta generalização, embora ela tenha também assinalado a "ausência virtual de quaisquer conjecturas teóricas articuladas acerca da natureza da sexualidade adulta normal e das suas manifestações na prática clínica" (1998a, p. 751). No que poderá marcar um ponto de viragem, e talvez um regresso do pensamento acerca da sexualidade, Atlas (2012, 2013, 2015a, 2015b) começou a explorar a natureza da experiência sexual, da saudade e do desejo nas experiências fundamentais de vinculação na relação mãe-filho. Ainda assim, discussões com colegas em variados contextos sugerem-me que a imagem da sexualidade como já não sendo central para o nosso pensamento teórico e clínico é representativa da verdade sobre o estado actual do pensamento psicanalítico. No mínimo, espero que esta forma de enquadrar as coisas possa servir o propósito de reavivar uma discussão quase adormecida.

Como é que a sexualidade regrediu tão profundamente? E isso importa? É óbvio que não vale a pena privilegiar a sexualidade, seja qual for a forma como a definimos, a menos que tal faça a diferença na construção do nosso pensamento e das nossas teorias e a menos que represente o processo de desenvolvimento e o procedimento clínico de uma forma heurística e útil. Penso que isso importa e no que se segue, vou sugerir como.

Antes de prosseguir, devo clarificar a forma como utilizo o termo "sexualidade". Utilizo-o no sentido clássico que creio ser o sentido que Freud lhe atribuiu, pelo menos experiencialmente, se não mesmo metapsicologicamente. Freud enfatizou de forma consistente, por razões teóricas bastante sólidas, uma compreensão expansiva da sexualidade, da pulsão sexual e da libido. Ele não o fez apenas articulando as fases de desenvolvimento psicosexual, mas também estendendo a sexualidade das conotações genitais circunscritas até à erogeneidade do corpo como um todo, e daí até à própria mente, bem como à base da identidade de género. Além disso, ele alargou-a também relacionalmente. Em "Dinâmica de Transferência", Freud escreveu (1912/1958a):

" (...) we are thus led to the discovery that all the emotional relations of sympathy, friendship, trust, and the like, which can be turned to good accounting our lives, are genetically linked with sexuality and have developed from purely sexual desires through a softening of their sexual aim, however pure and unsensual they may appear to our conscious self-perception. Originally we knew only sexual objects; and psychoanalysis shows us that people who in our real life are merely admired or respected may still be sexual objects for our unconscious" (p. 105).

...E somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se geneticamente vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objectivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa auto-percepção consciente. Originalmente, conhecemos apenas objectos sexuais, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que na nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objectos sexuais para o nosso inconsciente. (tradução Imago, p.64)

Sem dúvida que a sexualidade de Freud era também uma sexualidade relacional. Anteriormente, antecipando as objecções de alguns a esta compreensão alargada da ideia de sexualidade, Freud (1905/1953b) comentou no prefácio dos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” que:

“(…) anyone who looks down with contempt upon psycho-analysis from a superior vantage-point should remember how closely the enlarged sexuality of psycho-analysis coincides with the Eros of the divine Plato” (p. 134).

“(…) todos aqueles que desde seu ponto de vista superior olham desdenhosamente para a psicanálise deveriam lembrar-se de quanto essa sexualidade ampliada da psicanálise se aproxima do Eros do divino Platão” (Imago, p.83)

Ao lermos a história da psicanálise, compreendemos que parte da atracção, controvérsia, excitação, e até mesmo escândalo por ela provocada, residia no reconhecimento público dos significados profundos da sexualidade na vida humana. Talvez possamos dizer que tanto aqueles que se tornaram profissionalmente envolvidos, como o público em geral, apreenderam, não só intelectualmente, mas também em termos pessoais, afectivos e mesmo corporais (J. Slavin & Rahmani, no prelo), a veracidade essencial destas ideias "freudianas".

Então como é que esta situação mudou? Os limites de espaço não permitem levar a cabo a investigação detalhada que a questão merece. Contudo, numa perspectiva histórica, creio podermos concordar que houve uma mudança fundamental no pensamento psicanalítico que começou pouco antes de meados do século passado – de formas diferentes e em diferentes lugares - que desviou o nosso pensamento da teoria clássica e da sua concepção essencial da sexualidade enquanto força e conceito organizativo básico na vida psíquica humana.

A psicologia do ego e a teoria das relações objectais fornecem duas instâncias deste fenómeno. Estas perspectivas, na compreensão do processo de desenvolvimento, afastaram-se de uma ancoragem conceptual centrada na sexualidade e – ponto particularmente crucial para as questões que espero levantar aqui – na sua compreensão de como a própria mente é construída. Conforme Greenberg e Mitchell (1983) salientaram, na teoria clássica, a libido, a pulsão sexual ou energia, era um recurso biopsíquico inerente que, na concepção

de Freud, representava um factor decisivo na construção e organização das nossas mentes, do nosso aparelho mental. Na psicologia do *ego*, não só o conceito de energia libidinal foi "neutralizado", como também a primazia do *id*, das forças sexuais, recuou em proveito da primazia do próprio *ego* - da mente ela própria, se preferirmos - como o dispositivo que em certa medida se construiu em relação às pulsões e ao mundo relacional². Nesta mudança, a figura tornou-se o fundo e o fundo tornou-se a figura.

No trabalho de Winnicott e Sullivan, as próprias experiências relacionais, por terem sido internalizadas no processo de desenvolvimento, tornaram-se os factores decisivos para a organização e formação da mente. De facto, conforme tem sido sugerido por muitos autores nas perspectivas relacionais modernas, a mente consiste fundamentalmente em padrões e esquemas organizados de experiência relacional.

Não há muito espaço nestas estruturas para a sexualidade, *qua* sexualidade, enquanto força organizadora fulcral. Não é que a sexualidade esteja ausente das perspectivas modernas, apenas parece não importar assim tanto. Nada nos "compele" a utilizá-la na nossa construção teórica, na nossa compreensão do desenvolvimento, nem na nossa visão do processo clínico, do modo como era absolutamente essencial para as perspectivas clássicas.³

No entanto, embora a sexualidade, tal como Freud a configurou, pareça ter um lugar diminuto na nossa teoria do desenvolvimento e na nossa compreensão da estrutura psíquica, clínicos de todas as tendências confrontam-na diariamente no seu trabalho e - na prática - de forma implícita e explícita, empregam conceitos fulcrais provenientes das teorias clássicas freudianas das pulsões, sexualidade e libido. A nossa utilização de conceitos como o complexo de Édipo, a origem da culpa nas experiências de prazer e das expectativas desejantes, defesas contra anseios erotizados, a importância de um certo tipo de neutralidade na postura do analista, parecem ser dados adquiridos, simplesmente tomados como se fossem inerentes à natureza das coisas, a despeito da sua ancoragem na teoria da libido e em versões clássicas da teoria acerca da natureza da mente, na sua relação

2 Como Benjamin (1995) define: "A ideia de prazer perdeu-se quando a psicologia do ego colocou o *id* em segundo plano..." (p.32).

3 De notar que Irene Fast, uma das teóricas relacionais que mais explicitamente descreveu a construção da mente em termos interacionais e esquemáticos (Fast, 1985; Slavin, 2012) reservou especificamente um lugar para um género de pulsão (se bem que não expressamente sexual, mas inclusiva do sexual) na sua descrição dos elementos constitutivos dos esquemas *self-other*, que denominou "Eventos."

com a sexualidade e a energia sexual.⁴ A isto acresce, claro, que transferências intensamente sexualizadas e defesas contra as mesmas, manifestam-se regularmente no envolvimento clínico, e imagino que tal não suceda menos do que há um século. De facto, estes fenómenos são tão comuns que os tomamos como um dado adquirido.

O que importa aqui notarmos é o facto de já não se indagar a razão pela qual as transferências assumem tão frequentemente, talvez regularmente, uma forma sexual? Aparentemente, não precisamos de uma teoria para dar conta disso. Ou será que precisamos? Eu argumento que, actualmente, sem remontarmos à teoria clássica, não temos, de facto, nenhuma forma convincente de explicar este fenómeno ou de colocá-lo num contexto teórico. Talvez possamos parafrasear Freud⁵ e dizer que a sexualidade, ainda que empregue num sentido restrito (e não no entendimento alargado que Freud pretendia) é um dos factores mais centrais na vida, ao nível emocional e relacional, e toda a gente sabe isso - excepto, possivelmente, a psicanálise.

Agency e Excitação

É meu propósito sugerir o modo de reformulação de um papel, sem dúvida um papel central, para a sexualidade nas perspectivas actuais, especialmente num contexto relacional. Começo com um exemplo clínico.

Recentemente divorciada e deslocada, PJ estava na casa dos 30 anos quando me consultou. Enquanto se enroscava na cadeira, os pés dobrados por baixo de si, começou a falar a uma velocidade vertiginosa, engolindo as palavras tão rapidamente que por vezes mal podia compreendê-la apesar de estar habituado

4 Vale a pena ter em mente que o conceito de neutralidade analítica teve a sua origem há 100 anos no caldeirão da primeiríssima discussão em psicanálise acerca do desejo erótico na relação terapêutica (Freud, 1915/1958c). Embora, numa nota de rodapé, Freud (1912/1958b) tenha sugerido ser necessária uma certa neutralidade em relação à ambição do analista em ser bem sucedido - quando ele comparou a postura emocional do analista com a do cirurgião, que dá o seu melhor mas que deixa a cura na mão de Deus (p.155; ver Slavin, 1994; para uma discussão mais completa acerca do significado desta analogia bem conhecida mas muitas vezes mal interpretada) - é apenas em relação à emergência de sentimentos eróticos directos que Freud emprega explicitamente o termo neutralidade. Desde então praticamente todas as discussões sobre a questão da neutralidade analítica - talvez uma das ideias mais controversas e amplamente discutidas em artigos psicanalíticos sobre técnica - deve ser entendida como de alguma forma uma resposta à concepção original freudiana do erótico enquanto "spirit from the underworld", (Freud, 1915/1958c, p. 164), como Freud descreveu inicialmente de forma colorida, os mistérios e perigos inerentes ao surgimento de sentimentos sexuais no tratamento e a forma como o analista tem de resolutamente encará-los (com neutralidade) para não os mandar embora, "without having asked him a single question" (p. 164).

5 Em "Observations on Transference Love", Freud (1915/1958c) comentou ironicamente: "Sexual love is undoubtedly one of the chief things in life, and the union of mental and bodily satisfaction in the enjoyment of love is one of its culminating peaks. Apart from a few queer fanatics, all the world knows this and conducts its life accordingly; science alone is too delicate to admit it" (pp. 169-170).

à "fala-universitária."⁶ À medida que a sua história se desdobrava, tornou-se claro que se sentia estagnada e paralisada quer nas suas relações pessoais quer na sua carreira.

O comportamento de PJ foi vagamente preocupante. Havia qualquer coisa que não encaixava bem nesta mulher adulta que se habitava como se ainda fosse uma menina, ocupando o mínimo espaço possível tanto na cadeira quanto no seu discurso. Eu queria tentar compreendê-la ou pelo menos fazê-la abrandar.

A minha sensação de descontinuidade cresceu à medida que fui conhecendo a PJ. Ela tinha-se formado num curso académico de prestígio, obteve sucesso significativo numa escola profissional e tinha ocupado cargos de responsabilidade notável. Mas durante o seu divórcio aceitou trabalhar como assistente pessoal do pai na poderosa organização profissional dele, uma situação que a frustrou em muitos aspectos. Sentiu-se inquieta nessa direcção de carreira. Além disso, ela não se conduziu com a envergadura pessoal que a sua capacidade e realização poderiam ter suscitado. De um modo que eu não conseguia verbalizar, sentia que se tratava de alguém de quem poderia realmente gostar, mas algo parecia faltar. PJ era verdadeiramente inteligente e realizada, no entanto, parecia quase determinada a apagar-se, diminuir-se e esconder-se, numa postura espelhada no seu fascínio pelo poder e sucesso do seu pai.

Por vezes, PJ mostrava-se crítica a respeito do pai, nomeadamente, à sua incapacidade em gerir tarefas comuns e práticas da vida. Mas, fundamentalmente, ela reconhecia-o como um visionário, um homem de ideias ousadas e arrebatadoras, que manifestava paixão em realizá-las. E a própria PJ foi arrastada nesta paixão. Em contraste, ela descrevia a mãe como, totalmente, auto-anulada. A mãe nunca expressava qualquer desejo pessoal e parecia viver com o propósito de antecipar e satisfazer os desejos dos outros. A diferença entre a *agency* apaixonada e a vivacidade representadas pelo seu pai, uma inequívoca energia sexual, e a anulação e morte psíquica da mãe, era drástica.

Sendo a única rapariga entre dois irmãos, talvez não seja surpreendente que PJ se tenha identificado muito com o seu pai, com o que poderíamos chamar,

⁶ Ao utilizar o termo "fala-universitária", refiro-me ao modo rápido e parcial de engolir palavras e outras inflexões na fala que são comuns entre os adolescentes tardios e jovens adultos em muitos países ocidentais e que podem ser observados em várias línguas. A prevalência e razões para este fenómeno notável ultrapassam o âmbito deste artigo.

em "linguajar" psicanalítico, o seu poder fálico e a sua vivacidade energizada. E, até à puberdade, PJ pôde ocultar e negar a sua feminilidade essencial. Mas quando a puberdade chegou, PJ voltou-se contra o seu corpo e desenvolveu uma perturbação alimentar destinada, conforme mais tarde veio a compreender, a tentar impedir o seu surgimento enquanto mulher. Sem nunca ter verdadeiramente trabalhado estas questões, no final da adolescência envolveu-se numa relação com o homem que em breve se tornaria seu marido. Apesar de ser brilhantemente bem-sucedida na prossecução de actividades académicas e profissionais, esta não era uma parte de si mesma de que pudesse apropriar-se. Ela dedicou-se e fez as suas escolhas profissionais com base nos planos do marido, incluindo o esforço para se tornar o troféu *sexy* e magro que ele exigia. Contudo nunca foi uma participante activa, nem se experienciou a si própria como um agente na sua vida sexual.

A descoberta de um caso do seu marido, em circunstâncias chocantes, foi devastadora. Divorciou-se, mudou-se e começou a trabalhar para o pai. Embarcou numa série de breves casos sexuais, os quais, em retrospectiva, pareciam representar um esforço de superação da sua experiência de desamparo no casamento, de afirmar a sua *agency* sexual e, como mais tarde se tornou claro, de emular e competir com os homens, conforme ela os entendia, evitando aprofundar envolvimentos relacionais e buscando satisfação sexual. Por razões que inicialmente não compreendeu, e em intrigante contraste com o que as suas amigas lhe diziam, PJ estava absolutamente determinada a ter um orgasmo em todo e qualquer encontro sexual, objectivo este que, ironicamente, sentia como um fardo estupidificante que retirava muito prazer à sua vida sexual. Apesar deste esforço, ficou espantada quando um novo namorado, Craig, lhe disse que ele, e não ela, assumia a responsabilidade pelo seu prazer sexual quando faziam amor. A ideia de que alguém se pode sentir capacitado para assumir a responsabilidade pelos seus próprios sentimentos sexuais era chocante para PJ. Ela nunca se tinha masturbado, achava a ideia perturbadora, e sentia-se completamente dependente da actividade do seu parceiro masculino para ter um orgasmo.

PJ entrou em tratamento por via da forte recomendação de um respeitável colega que lhe disse de forma franca que ela não se estava a levar a sério, quer no

trabalho, quer como pessoa. Nos meses iniciais de tratamento, o desfasamento entre o modo como PJ se apresentava e a suas capacidades reais, bem como as suas realizações era acentuado. Insisti, activamente, nesta questão, inquirindo sobre as formas como PJ parecia diminuir-se no trabalho, no seu comportamento e nas suas relações. Aparentemente, fiz valer este ponto de vista, uma vez que mais tarde, PJ referiu-se ao meu modo de estar nestes primeiros meses como "mandão" (eu disse-lhe para abrandar, interroguei-a sobre certos maneirismos na sua forma de falar, perguntei acerca da sua postura, o modo como se sentava, como se penteava, indaguei sobre todos os comportamentos que pareciam ter como intenção diminuir a sua presença enquanto pessoa com substância). Mas à medida que PJ foi encontrando palavras para definir a sua experiência, tornou-se capaz de falar mais aberta e directamente acerca dos receios de se entregar à experiência analítica, tão profundamente quanto estava a sentir-se puxada – e, certamente, à medida que eu lhe ia acenando. Quando PJ começou a reconhecer a complexidade da teia relacional com o pai e o abandono da sua própria *agency* às necessidades dele – e a forma como isto se tinha repetido com o marido - teve medo de, mais uma vez, se deixar perder na relação com um analista do sexo masculino.

Neste contexto, ocorreu uma crise quando eu disse a PJ que iria mudar de consultório porque estava num processo de divórcio. A princípio, para sua surpresa, PJ ficou extremamente curiosa acerca da minha vida pessoal. Mas depois perguntou-se, receosamente, se, tal como o marido, eu estava envolvido com outra pessoa. Depressa começou a sentir-se cada vez mais zangada por lhe ter sido dito algo sobre a minha vida pessoal que ela não tinha querido saber. Era algo invasivo e assustador. Durante um breve período de tempo, PJ colocou em causa a continuação do tratamento (embora, após ler este relato do nosso trabalho, PJ me tenha dito que, na verdade, nunca tinha estado prestes a terminar a terapia como deu a entender).

Numa série de sessões intensas, por vezes quase conflituosas, PJ e eu digladiámo-nos sobre o significado e as implicações do seu pânico. Acolhi o conflito e medo de PJ como representações do seu desejo de preservar o seu próprio *self* e de não ser apanhada em mais uma teia complexa com um homem. Neste contexto, PJ foi capaz de falar de forma cada vez mais aberta acerca de como a intensidade

hipnótica do seu pai provocava não só um sentimento sexualizado, mas um sentimento sexual palpável e real. Apesar de reconhecer isto abertamente ter sido perturbador, foi também um alívio para PJ. Ela foi capaz de falar sobre o quanto a excitação do seu pai a prendia e a compelia, ao mesmo tempo que parecia resgatá-la da potencialidade de viver no regime de morte psíquica da sua mãe.

A intensidade de sentimento que despontou neste período de trabalho foi profunda. Permitiu a PJ compreender o poder da sua relação com o pai e a forma como esta relação tinha aprisionado a sua própria sexualidade e as suas escolhas nos relacionamentos. Começou também a lidar com as dificuldades profundamente enraizadas que tinha com a vivência de si-mesma enquanto mulher. "A pior coisa que poderia acontecer-me", disse ela numa sessão, "seria tornar-me mulher". Nesta afirmação directa e não edulcorada, PJ deu voz a algo que ela tinha sentido e tentado evitar, mas que não o reconhecera antes como tal, na experiência mais original de si própria como indivíduo com género.

O surgimento destas questões permitiu a PJ reconhecer, gradualmente, sem um correspondente sentimento de terror, os seus próprios sentimentos calorosos e amorosos por mim, e a sua compreensão de que estes eram recíprocos. Gradualmente, PJ começou então a considerar, realmente pela primeira vez, o que verdadeiramente desejava e queria, profissionalmente e nos seus relacionamentos, e a pensar sobre ela própria como *agente* da sua própria experiência. Ela sentia-se cada vez mais insatisfeita com a forma como, em muitos aspectos, a sua vida ainda estava suspensa.

Após iniciar o tratamento, PJ começou a ter uma relação mais séria com Craig, o homem que "assumiu a responsabilidade" pela sua experiência sexual. Tal como o seu pai, ele era bem-sucedido e apaixonado pelo trabalho, todavia, tinha também capacidade de a ver como uma pessoa independente e de incentivar a sua ambição. Apesar de terem falado em casamento, ambos tinham receios fundamentais de seguir em frente. Entre os de PJ estava o medo de se tornar mãe de um rapaz. Para ela, este era quase um pensamento horrível. Isto agitou todos os sentimentos fortemente negativos que ela, na sua experiência, guardava sobre a forma como rapazes e homens eram privilegiados. Ela queria ser mãe, desde que pudesse ter uma menina.

E PJ ficou mais bloqueada do que nunca na sua carreira. Já não trabalhando para o pai, ela viu-se a trabalhar para um homem que, como se possível fosse, até era mais narcisista e cego à sua presença. Foi excruciantemente doloroso quando ela compreendeu, para seu horror, que estava, juntamente com outras mulheres no trabalho, a contribuir para privilegiar obsequiosamente este homem nas reuniões diárias de pessoal, aparecendo silenciosamente para admirar as suas ideias e jamais chamando a atenção para a escassa roupa do rei.

Numa consulta, em que tentava pensar no que realmente queria da sua vida profissional, ela falou do prazer que sentia em cuidar de pessoas. Enquanto falava, percebi, pelos muitos detalhes que tinha escutado, que isto era exactamente o que ela tinha estado a fazer de muitas maneiras ao longo de toda a sua carreira. Pareceu-me, de modo talvez um pouco estereotipado, algo essencialmente feminino. Em todo o caso, eu disse algo a PJ acerca do seu desejo de cuidar.

Na consulta seguinte, PJ começou onde tínhamos terminado. "Sabe", disse ela, "julgo que sempre pensei que, de alguma forma, poderia lidar com a minha carreira sem ter de pensar ou lidar com os sentimentos sobre mim própria enquanto mulher. Eu sei que só queria, de alguma forma, contornar isto e passar para o outro lado. E agora vejo que não pode ser feito dessa forma".

Nos meses que seguiram a esta mudança, PJ e Craig começaram a resolver a inibição de se casarem. À medida que o casamento se aproximava, PJ sentiu-se consumida pelo medo, medo de se perder, de perder a sua recentemente descoberta identidade independente, de ser a "mulher" na relação, aquela cujo próprio desejo, necessidades e *agency* seriam esquecidos e apagados. E viu-se, perturbadoramente, saudosa dos homens que conhecera, homens mais como o seu pai: intensos, apaixonados, e, é claro, muito mais susceptíveis de não a poderem ver.

PJ falou de um destes homens, Paul. Sentia-se ainda muito atraída por ele, este foi um pensamento que a incomodou imenso por surgir apenas dias antes do seu casamento. Ela associou com a forma desdenhosa como ele falava das mulheres. Recordou então uma conversa com o seu pai no dia anterior. No início, ele pareceu interessado no que ela estava a dizer. Mas logo depois ele deixou de a escutar, e nisto pensou para si-mesma "parvinha", como que para dizer que era uma tolice pensar

que ele iria realmente prestar atenção e levá-la a sério como pessoa. Não tendo a certeza de ter ouvido bem, eu perguntei: "O que é que disse"? Ela repetiu: "parvinha".

Foi doloroso e triste verificar o que tinha ouvido. Disse-lhe: "Sabe, penso que talvez nos tenhamos deparado com outro aspecto do que aconteceu na sua vida e que se enquadra no que temos vindo a encontrar. Até agora pensámos que, à medida que crescia, os seus receios de ser identificada com a sua mãe enquanto mulher a empurravam na direcção do seu pai e da sua intensidade. A paixão e sexualidade dele atearam a sua, e deram-lhe a esperança de não se sentir sem vida. Mas isso ocorreu através da supressão da sua própria feminilidade e desapropriação da sua paixão, numa negação e ódio a si mesma. Agora, quando disse "parvinha", ocorreu-me que em vez do acolhimento, aceitação e reconhecimento que desejava por parte do seu pai, sentiu-se puxada e depois dispensada, apagada, ignorada e invisível."

PJ respondeu imediatamente. "Oh, meu Deus! É exactamente isto que eu tenho tentado fazer com o Paul e com todos os homens como ele pelos quais me tenho sentido tão atraída. *Eu tenho tentado fazer com que me respondam*, apesar de saber repetidamente que não podem nem vão fazê-lo."

O impacto desta sessão marcou PJ, que a ela voltou por várias vezes. Sugeri que escrevesse a esse respeito. Ela registou os seus pensamentos e enviou-os num e-mail, parte do qual transcrevo aqui:

"O pai foi (e é) fascinante e mesmerizante para mim. Mas ao crescer (e ainda hoje) ele está, alternadamente, ora totalmente empenhado e focado em mim, ora desdenhoso de mim. Ele pode fazer-me sentir inútil e invisível mais rapidamente do que qualquer outra pessoa. Nunca consegui fazer com que o meu pai me "visse" realmente, de uma forma consistente e previsível. Por isso tentei, em adolescente e adulta, encontrar homens igualmente carismáticos e tentei desesperadamente fazê-los "ver"-me – para poder alcançar o que nunca consegui com o meu próprio pai – ser reconhecida na íntegra.

Estar com o Craig é tão diferente - eu não estou em toda esta dinâmica de rapariguinha-homem fascinante. Isso é uma coisa boa e libertadora. Mas também é muito assustador, porque, estando com um homem, já não

sou definida pela imagem da "traça encandeada pela chama". Preciso de encontrar outra estrela para me guiar. A minha própria. Apesar de quão assustador isto possa ser, estou enormemente aliviada e entusiasmada por compreender isto e estar livre da minha "velha" maneira de ser. Estou finalmente livre para ser eu própria. E para amar - e ser amada por - outra pessoa ao mesmo tempo".

Sexualidade e Agency

Obviamente, este caso pode ser visto de muitas perspectivas. A configuração de um paciente atraído pela vivacidade e excitação de um dos pais e ao mesmo tempo receoso de uma identificação com a morte psíquica do outro, não é caso único. O que quero salientar nesta discussão é o intrincado entrelaçamento da excitação e da vivacidade, da sexualidade e de um sentido de *agency* pessoal, nas principais áreas da vida – e isto em termos atribuídos a Freud, no amor e no trabalho. Para PJ, a excitação num sentido directamente sexual, e mais amplamente, a vivacidade e a experiência da *agency*, o sentimento de se ter um impacto no mundo, de ter uma palavra a dizer na própria vida, foram fundamentalmente misturados. Embora ilustrado claramente através do caso de PJ, quero sugerir que tal miscigenação pode muito bem ser verdadeira para muitos, se não para todos nós. Ela pode representar, na verdade, um aspecto fundamental da estrutura da psique.

Num trabalho anterior com um colega (Pollock & Slavin, 1998; J. Slavin & Pollock, 1997), sugeri que uma experiência de *agency* pessoal é fundamental para ter o sentimento de um eu coeso e coerente, para sentir-se vivo no mundo, para sentir-se inteiro. O sentido de *agency* pode ser minado – até mesmo destruído – nos relacionamentos com figuras parentais que sejam incapazes de admitir e reconhecer a independência da subjectividade da criança (Benjamin, 1995). O trabalho de Benjamin enfatizou a centralidade, para o desenvolvimento da criança ou bebé, da capacidade de obter, através da sua própria acção (*agency*), o reconhecimento do progenitor.

O acto de reconhecimento dos pais não é um acto simples. Não se trata, simplesmente, do progenitor reconhecer a criança enquanto centro independente de subjectividade, e isto, nas pequenas miríades, formas em que tal reconhecimento

ocorre no decurso do desenvolvimento. Mais do que isso, o sentido que a criança tem de si própria como um *self*, enquanto pessoa singular, e enquanto agente, não reside apenas na capacidade dos pais reconhecerem esse aspecto da criança, mas, fundamentalmente, no entendimento por parte da criança de que foi o seu próprio "reconhecimento do progenitor" que produziu o reconhecimento em troca, ou seja, que a criança foi um agente da criação de si-mesma aos olhos dos pais. No nosso trabalho anterior, sugerimos que a maioria, se não todas, as dificuldades que os pacientes apresentam ao entrar em tratamento podem ser compreendidas no contexto das lutas que enfrentam em torno das suas capacidades de experienciar um sentido de si próprios como agentes da sua vida psíquica. Tal era o caso de PJ. Argumentámos então que o sentido de *agency* do paciente, danificado ou destruído, deve ser reconstruído no cadinho de um compromisso verdadeiramente autêntico com o analista, tal como tinha começado a ocorrer no trabalho com PJ.

O que quero aqui propor é que a sexualidade, enquanto aspecto fundamental da nossa dotação biopsíquica, tanto definida de forma estrita, quanto compreendida de modo amplo (no sentido que lhe foi genialmente conferido por Freud) é, desde a infância e por diante, o veículo psíquico central, o "veículo real"⁷, se quisermos, do caminho para o desenvolvimento e elaboração do nosso próprio sentido de *agency* pessoal. Além disso, as distorções de *agency* que encontramos nos nossos pacientes, desenvolvidas em relacionamentos problemáticos e destrutivos da criança com os pais, são também, inevitavelmente, o embotamento do esforço da criança para envolver os pais de uma forma basicamente sexual, mas necessária ao desenvolvimento (Davies, 2003; Davies & Frawley, 1994; J. Slavin, 2007, 2011).

Na teoria clássica, é a pulsão ou a sexualidade que forma a mente. Nas perspectivas relacionais são as configurações relacionais e as experiências que formam a mente. Aqui sugiro que a sexualidade, enquanto dotação biopsíquica,

tanto é construída pela nossa experiência relacional como por sua vez a constrói, sempre através do contexto da experiência recíproca de *agency* e subjectividade no compromisso relacional que ocorre, em primeiro lugar, com os pais ou

7 Assim como os sonhos são a "estrada real" para o inconsciente, de acordo com Freud (1900/1953a, p.608)

com os cuidadores primários. Enquadrada numa compreensão evolutiva da configuração da psique humana, tal como sugerida por M. Slavin e Kriegman (1992), a sexualidade, com o seu poder humano único para impulsionar e compelir, é, ao mesmo tempo, o garante da nossa capacidade nascente de *agency* e desejo - isto é, da nossa individualidade e interesses próprios - assim como o motor do nosso compromisso de desenvolvimento como agentes e sujeitos nas relações.

Para dar algum contexto ao que estou a sugerir, descrevo dois casos que citei em trabalhos anteriores (J. Slavin, 2011).

Uma paciente conta ao seu analista uma interacção recente com o seu filho de 5 meses. Ela diz que finalmente conseguiu ver os benefícios de uma criança chuchar no polegar - incluindo, em grande medida, um certo nível de paz e sossego - ao contrário da experiência que teve com o seu primeiro filho, em que temia a complacência que isso lhe sugeria, bem como a implicação do seu potencial fracasso em fornecer cuidados adequados. Enquanto segurava o filho, diz ela, ele ergueu o polegar. Ela imitou-o, ergueu o próprio polegar e colocou-o na boca. Encorajou-o gentilmente com a mão a fazer o mesmo. Ele parecia não querer e continuou a erguer o polegar. A mãe tentou mais algumas vezes mostrar como fazer. Sem sucesso. Finalmente, num gesto calorosamente lúdico, a mãe pegou no polegar dele e pô-lo na boca. O menino explodiu num desses risos esfuziantes que só um bebé nos dá a ver plenamente e a mãe desatou a rir-se com ele. Ele quis fazer isto uma e outra vez e eles fizeram-no. Foi, disse ela, "o melhor dos momentos".

Um segundo exemplo: Numa consulta analítica, uma paciente está a contar ao seu analista um episódio que tinha ocorrido na noite anterior com o seu filho de 4 anos. Ela estava a ler-lhe uma história para dormir e de repente, a meio da leitura, o menino pôs a mão sobre o livro e puxou-o para baixo para que ela parasse de ler. Ela olhou para ele e ele disse-lhe: "Mamã, tu és linda". Quando a paciente ouviu isto, ela "derreteu-se".

Nestes exemplos, cada progenitor usou termos frequentemente utilizados para descrever um momento de prazer sexual. Penso que tal utilização é reveladora. O que queremos dizer com "o melhor dos momentos", ou quando dizemos que alguém se "derreteu" sob o efeito do outro? No primeiro exemplo, da mãe com o seu filho pequeno, podemos vislumbrar como a experiência relacional não é

simplesmente um contexto para a expressão de excitação e sexualidade, antes servindo, na realidade, para construir e moldar o que é e será a excitação sexual. Isto constitui também, creio, um exemplo da forma como, de acordo com Stein (1998), o progenitor serve como agente para o desenvolvimento e estruturação da sexualidade da criança. Através do seu próprio potencial erótico e de sedução, a mãe "estabelece" a sua sexualidade na criança e lança as bases para a viagem erótica da criança.^{8,9}

Assumindo que cada ser humano tem uma capacidade biopsíquica para desenvolver um modo de experiência sexual, sugiro que estes tipos de interações - repetidas, como diz Fast (1999), "em inúmeras trocas, subtis e grosseiras" (p. 634) da infância em diante - criam e estruturam a própria natureza dos significados do que, para cada indivíduo, é agradável (I. Fast, comunicação pessoal, Dezembro de 1997), sexual, excitante, do que constitui um "turn on", e a experiência de *agency* própria de cada um implicada nesse processo.

"*Different strokes for different folks*"¹⁰, diziam eles durante revolução sexual da década de 1960. O que estou a sugerir é que se passemos a assumir traços diferentes para pessoas diferentes, porque a capacidade e modo de expressão do prazer e da sexualidade de cada indivíduo será construída em relação às configurações únicas da sua experiência.¹¹ Além disso, no primeiro exemplo, a criança não é simplesmente afectada pelo esforço desesperado da mãe para a fazer chuchar no polegar, que culmina em última instância naquela experiência excitante e hilariante. Além do mais, dá-se a criação inicial de algum reconhecimento, seja qual for o sentido dado a este termo do lado da criança, de

8 Vale a pena determo-nos por um momento na complexidade inerente à formulação inicial de Freud acerca da origem da vivência sexual e do desejo e - por consequência - da *agency* no seio da relação maternal. Como Freud (1905/1953b) a enquadrou: "A mother would probably be horrified if she were made aware that all her marks of affection were rousing her child's sexual instinct and preparing for its later intensity. She regards what she does as asexual, 'pure' love, since, after all, she carefully avoids applying more excitations to the child's genitals than are unavoidable in nursery care. As we know, however, the sexual instinct is not aroused only by direct excitation of the genital zone. What we call affection will unfailingly show its effects one day on the genital zones as well. Moreover, if the mother understood more of the high importance of the part played by instincts in mental life as a whole—in all its ethical and psychical achievements—she would spare herself any self reproaches even after her enlightenment. She is only fulfilling her task in teaching the child to love. After all, he is meant to grow up into a strong and capable person with vigorous sexual needs and to accomplish during his life all the things those human beings are urged to do by their instincts." (p. 223)

9 Freud, Stein, e - mais recentemente - Atlas (2013, 2015a, 2015b), entre outros, localizam claramente a origem da experiência sexual no seio da relação materna. Na teoria clássica, o papel do pai entra em jogo durante o período edipiano. Certamente, na perspectiva que aqui descrevo, o envolvimento no jogo, no prazer e nas interações simples do quotidiano de ambos os pais estruturam a formação da experiência sexual da criança e do seu sentido de *agency*. Discuti noutro lugar (Slavin, 2011) algumas das complexidades envolvidas no reconhecimento e no pensar acerca do impacto do pai no desenvolvimento da sexualidade da criança.

10 Deixámos a expressão no original que poderíamos verter por "cada qual faz o que prefere" ou "cada qual faz a seu gosto".

11 Num artigo conjunto (J. Slavin & Rahmani, no prelo) a configuração única da própria sexualidade pessoal é conceptualizada em termos da "impressão digital sexual" de um indivíduo.

que a sua *agency* - a sua recusa em cooperar com os incitamentos da sua mãe - produziu uma intensificação dos seus esforços e conduziu ao clímax final.

No segundo exemplo, sugiro que a expressão por este rapaz daquilo que, pelo menos no sentido psicanalítico, podemos descrever como uma manifestação de sentimentos sexuais pela sua mãe conduziu, serendipidamente, por meio da resposta da mãe - o seu derretimento palpável - ao delineamento e configuração do seu sentido de si mesmo enquanto agente, um agente sexual, advindo ao longo de muitas interações formativas durante o desenvolvimento, como um tipo particular de homem em relação às mulheres. Hipoteticamente, se ele for *gay*, também em relação aos homens.

Se a *agency* é, como Pollock e eu sugerimos (Pollock & Slavin, 1998), uma espécie de cola psíquica, então a sexualidade, a experiência sexual, é o meio por excelência para a construção de nós próprios enquanto agentes. Única entre todas as interações humanas, a sexualidade parece "concebida" (no sentido de um *design* evolutivo, como utilizado por M. Slavin e Kriegman, 1992) para obrigar a uma resposta do outro e, portanto, para ser a principal via para o desenvolvimento da *agency* humana e para a construção da própria mente.

Além disso, a experiência destes momentos de impacto, em que literalmente se sente a *agency* de cada um, são - na minha opinião - por inerência, momentos de uma experiência intensamente sexual. Talvez possamos ainda dizer que a experiência da *agency* é o meio por excelência para a construção de nós próprios como seres sexuais.¹² A paixão, a excitação e o auge da experiência de *agency*, o saber que se teve impacto sobre o outro, que se teve importância para outra pessoa, quer seja num sentido directamente sexual ou noutra compromisso relacional, convergem no vivenciar-se a si próprio como sujeito e agente com impacto no mundo.¹³

De forma idêntica, Davies (1998a) captou a poderosa interação e inextricabilidade da *agency* e da sexualidade como processos recíprocos. Nas fases conclusivas do trabalho analítico bem-sucedido, ela observa que, "os aspectos do desejo sexual e da fantasia erótica... fazem parte das experiências de

¹² Agradecemos a Jill Gentile por enfatizar a natureza recíproca da relação entre sexualidade e *agency*.

¹³ Na minha opinião, a compreensão de Gentile (2007, 2008, 2010, 2013) sobre a criação da mente.

si emergentes...” (p. 752). Numa discussão semelhante (Davies, 1998b), comentou que "as palavras que são as mais geradoras de experiências profundamente eróticas são muitas vezes as palavras de reconhecimento, afirmação, compaixão e amor...” (p. 809).

Perspectivada a partir da sua inextricável reciprocidade com a *agency*, a sexualidade volta a ser - como outrora o fora nas teorias clássicas, mas agora em termos diferentes - um elemento central do nosso aparelho psíquico, da nossa experiência de desenvolvimento e da experiência de nós próprios enquanto humanos.

Concluo com dois casos. Um supervisionado falou-me de uma paciente, uma bailarina muito talentosa, cuja vida sexual consistia em ser amarrada e chicoteada pelo namorado. Ao ouvir isto pela primeira vez, o terapeuta fez notar a impotência e eliminação de si própria enquanto participante plena da sua experiência sexual. "Oh não!", respondeu a paciente: "Não me sinto de todo impotente. Eu mando-o fazê-lo. Ele está a fazer o que eu determino". A forma como o sentido de *agency* e a sexualidade desta paciente (podemos diferenciá-los aqui?) se moldaram e padronizaram enraizadas nas complexas experiências de desenvolvimento. Mas eu sugiro que este entrelaçamento de sexualidade e *agency*, em configurações ilimitadas, pode ser verdadeiro para todos, na forma fundamentalmente humana em que a poderosa e afectante experiência é organizada. Quaisquer que sejam as formulações que possamos dar da versão da experiência de uma pessoa e de como ela se produziu, a inextricabilidade da sexualidade e da *agency* é incontestável.

Um outro supervisionado contou que a sua paciente lhe tinha dito que o ex-marido expressava nojo relativamente aos gemidos passionais que ela produzia quando tinham relações sexuais. "Horrível!", disse eu, num dos meus comentários de supervisão mais perspicazes e complexamente formulados. "Sim", respondeu o supervisionado. "Não é suposto significar que algo de bom está a acontecer?"

Algo de bom está a acontecer? Para quem? Será para a pessoa que está a experimentar o momento de prazer e paixão sexual? Ou será para o ouvinte, no momento em que ele (ou ela) compreende o seu próprio impacto, toma consciência da sua *agency*, ajudando a criar esse momento, e, na apreciação do

outro, se essa pessoa for capaz disso, da subjectividade, da independente e, porém, dependente experiência subjectiva, do seu parceiro?

A mudança fundamental que ocorreu no pensamento psicanalítico durante a última parte do século XX rumo a uma compreensão do modo como a experiência relacional forma a mente - uma mudança que ocorreu explicitamente nas perspectivas relacionais mas que está também muito presente, de forma implícita, em outros pontos de vista - não significa que tenha de ocorrer em detrimento da valorização da centralidade da sexualidade na vida psíquica, na própria forma como as nossas mentes são criadas e estruturadas, e nos nossos esforços para compreender os conflitos dos nossos pacientes para viverem as suas vidas tão plenamente e tão apaixonadamente quanto possam.

Agradecimentos

Agradeço a Jill Gentile, Ph.D., Irene Fast, Ph.D., Laura Heideman, LICSW, e Joseph Schwartz, Ph.D., pela leitura atenta e comentários fundamentais acerca das versões anteriores deste artigo. Estou especialmente grato a Miki Rahmani, M.A., que tem contribuído substancialmente para várias iterações deste trabalho.

Referências

Atlas, G. (2012). Sex and the kitchen: Thoughts on culture and forbidden desire. *Psychoanalytic Perspectives*, 9, 220–232.

Atlas, G. (2013). What's love got to do with it? Sexuality, shame, and the use of the other. *Studies in Gender & Sexuality*, 14, 51–58.

Atlas, G. (2015a). *The enigma of desire: Sex, longing and belonging in psychoanalysis*. Routledge.

Atlas, G. (2015b). Touch me, know me: The enigma of erotic longing. *Psychoanalytic Psychology*, 32, 123–139.

Benjamin, J. (1995). Recognition and destruction: An outline of intersubjectivity. In *Like subjects, love objects: Essays on recognition and sexual difference* (pp. 27–48). Yale University Press.

Davies, J. M. (1998a). Between the disclosure and foreclosure of erotic transference-countertransference: Can psychoanalysis find a place for adult sexuality? *Psychoanalytic Dialogues*, 8, 747–766.

Davies, J.M. (1998b). Thoughts on the nature of desires: The ambiguous, the transitional, and the poetic: Reply to commentaries. *Psychoanalytic Dialogues*, 8, 805–823.

Davies, J. M. (2001). Erotic overstimulation and the co-construction of sexual meanings in transference-countertransference experience. *Psychoanalytic Quarterly*, 70, 757–788.

Davies, J. M. (2003). Falling in love with love. Oedipal and postoedipal manifestations of idealization, mourning, and erotic masochism. *Psychoanalytic Dialogues*, 13, 1–27.

Davies, J. M., & Frawley, M. G. (1994). *Treating the adult survivor of childhood sexual abuse: A psychoanalytic perspective*. Basic Books.

Fast, I. (1985). *Event theory: A Piaget-Freud integration*. Lawrence Erlbaum Associates.

Fast, I. (1999). Aspects of core gender identity. *Psychoanalytic Dialogues*, 9, 633–661.

Fenichel, O. (1941). Problems of psychoanalytic technique. *The Psychoanalytic Quarterly*.

Freud, S. (1953a). The interpretation of dreams (first part). In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 4). Hogarth Press. (Original work published 1900)

Freud, S. (1953b). Three essays on the theory of sexuality. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 135–143). Hogarth Press. (Original work published 1905)

Freud, S. (1958a). The dynamics of transference. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 97–108). Hogarth Press (Original work published 1912).

Freud S. (1958b). Recommendations to physicians practising psycho-analysis. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 109–120). Hogarth Press. (Original work published 1912).

Freud, S. (1958c). Observations on transference-love. In J. Strachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 159–171). Hogarth Press. (Original work published 1915).

Gentile, J. (2007). Wrestling with matter: Origins of intersubjectivity. *Psychoanalytic Quarterly*, 76, 547–582.

Gentile, J. (2008). Between private and public: Towards a conception of the transitional subject. *International Journal of Psycho-Analysis*, 89, 959–976.

Gentile, J. (2010). Weeds on the ruins: Agency, compromise formation, and the quest for intersubjective truth. *Psychoanalytic Dialogues*, 20 :88–109.

Gentile, J. (2013). From truth or dare to show and tell: Reflections on childhood ritual, play, and the evolution of symbolic life. *Psychoanalytic Dialogues*, 23, 150–169.

Greenberg, J., & Mitchell, S. (1983). *Object relations in psychoanalytic theory*. Harvard University Press.

Pollock, L., & Slavin, J. (1998). The struggle for recognition: Disruption and reintegration in the experience of agency. *Psychoanalytic Dialogues*, 8, 857 – 873.

Slavin, J. (1994). On making rules: Towards a reformulation of the dynamics of transference in psychoanalytic treatment. *Psychoanalytic Dialogues*, 4, 253 – 274.

Slavin, J. (2007). The imprisonment and liberation of love: The dangers and possibilities of love in the psychoanalytic relationship. *Psychoanalytic Inquiry*, 27, 197–218.

Slavin, J. (2011). The innocence of sexuality. In L. Aron & A. Harris (Eds.), *Relational psychoanalysis. Expansion of theory* (Vol. 4, pp. 45–67). Routledge.

Slavin, J. (2012). Reading the mind and reading Freud: Some reflections on the work of Irene Fast. *Contemporary Psychoanalysis*, 48, 199–212.

Slavin, J., & Pollock, L. (1997). The poisoning of desire: The destruction of agency and the recovery of psychic integrity in sexual abuse. *Contemporary Psychoanalysis*, 33, 573–593.